

**A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA DE PAULO FREIRE COMO SUBSIDIO À  
EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM TEMPOS DA PANDEMIA DA COVID-19****THE PEDAGOGY OF THE AUTONOMY OF PAULO FREIRE AS A SUBSIDY FOR  
BRAZILIAN EDUCATION IN TIMES OF THE COVID-19 PANDEMIC****LA PEDAGOGÍA DE LA AUTONOMÍA DE PAULO FREIRE COMO SUBSIDIO A  
LA EDUCACIÓN BRASILEÑA EN TIEMPOS DE LA PANDEMIA DEL COVID-19**Elson de Souza Lemos<sup>1</sup>

**Resumo:** Com o tema/problemas: Como os estudos sobre a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire permite apontá-la como subsidio a Educação Brasileira em tempos da pandemia da Covid-19? O presente estudo tem por objetivo geral: discutir estudos sobre a obra Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, procurando apontar, como ela pode subsidiar a Educação Brasileira em tempos da pandemia da Covid-19. Trata-se de um estudo de cunho bibliográfico, de abordagem qualitativa. Fundamentado em: Cavalcanti (2020); Charles Holgeset *al.* (2020); Chiarellai, *et al.* (2015); Costin (2020); Everton (2020); Gaia, Silva e Candido (2020); Hora e Bezerra (2021); Pasini, Carvalho e Almeida (2021); Savian, Bem e Batista (2020); Schram e Carvalho (2021); Silva e Silva (2020); Silva (2015); Souza (2021); Vasconcellos (2007). Os resultados apontam para os desafios impostos pela pandemia à educação, mediante a reconstrução das novas relações e promoção da emancipação humana. As considerações finais indicam que educar é tornar sonhos possíveis, é transformar, é gostar de gente, é querer bem ao(a) educando(a), é ter bom senso, é ter humildade, tolerância e lutar por um mundo melhor; é saber se capaz de pensar criticamente e de ser arauto juntamente com o outro da sua própria liberdade.

**Palavras-chave:** Pandemia. Ensino Remoto. Pedagogia da Autonomia.

**Abstract:** With the theme/problems: How can the studies on the Pedagogy of Autonomy by Paulo Freire allow us to point it out as a subsidy for Brazilian Education in times of the Covid-19 pandemic? The present study has as general objective: To discuss studies on the work Pedagogy of Autonomy by Paulo Freire, trying to point out how it can support Brazilian Education in times of the Covid-19 pandemic. This is a bibliographic study, with a qualitative approach. Based on: Cavalcanti (2020); Charles Holges et al. (2020); Chiarellai, et al. (2015); Costin (2020); Everton (2020); Gaia, Silva and Candido (2020); Hora and Bezerra (2021); Pasini, Carvalho and Almeida (2021); Savian, Bem and Batista (2020); Schram and Carvalho (2021); Silva and Silva (2020); Silva (2015); Souza (2021); Vasconcellos (2007). The results point to the challenges imposed by the pandemic on education, through the reconstruction of new relationships and the promotion of human emancipation. The final considerations indicate that educating is making dreams possible, transforming, liking people, loving the student, having common sense, humility, tolerance and fighting for a better world; it is knowing whether you are able to think critically and to be herald with others of your own freedom.

<sup>1</sup> Professor Assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-lemos@uesb.edu.br. mail: Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3311-5544>.

**Keywords:** Pandemic. Remote Teaching. Autonomy Pedagogy.

**Resumen:** Con el tema / problemas: ¿Cómo pueden los estudios sobre la Pedagogía de la Autonomía de Paulo Freire permitirnos señalarla como un subsidio a la Educación brasileña en tiempos de la pandemia Covid-19? El presente estudio tiene como objetivo general: discutir estudios sobre la obra Pedagogía de la autonomía de Paulo Freire, tratando de señalar cómo puede apoyar la educación brasileña en tiempos de la pandemia Covid-19. Se trata de un estudio bibliográfico, con enfoque cualitativo. Basado en: Cavalcanti (2020); Charles Holges y col. (2020); Chiarellai y col. (2015); Costin (2020); Everton (2020); Gaia, Silva y Candido (2020); Hora y Bezerra (2021); Pasini, Carvalho y Almeida (2021); Savian, Bem y Batista (2020); Schram y Carvalho (2021); Silva y Silva (2020); Silva (2015); Souza (2021); Vasconcellos (2007). Los resultados apuntan a los desafíos impuestos por la pandemia a la educación, a través de la reconstrucción de nuevas relaciones y la promoción de la emancipación humana. Las consideraciones finales indican que educar es hacer posible los sueños, transformar, gustar a las personas, amar al alumno, tener sentido común, humildad, tolerancia y luchar por un mundo mejor; es saber si eres capaz de pensar críticamente y ser heraldo con los demás de tu propia libertad.

**Palabras-clave:** Pandemia. Enseñanza Remota. Pedagogía de La Autonomía.

## Introdução

O advento da pandemia da COVID-19 trouxe várias consequências para os mais variados setores da sociedade, pois desencadeou muitos processos de mudanças, adaptação e regulamentações da sociedade. Essas mudanças atingiram “em cheio” diversos setores da sociedade, aprofundando ainda mais muitos dos problemas. Entre os setores atingidos, encontra-se o da educação, que já vinha com muitos problemas e que se agravaram com a pandemia. Pensar os impactos da COVID-19 na educação tornou-se um grande desafio, devido emergir diferentes contextos dantes jamais imaginados.

A pandemia acionou medidas sanitárias que buscou restringir o contato social e por conta disso, em muitos lugares, foi suspenso o ensino presencial. A retirada dos estudantes do seu convívio geográfico do espaço escolar, onde, por diversos meios, o aprendizado acontece e é potencializado; a pandemia terminou por gerar severas consequências, pois desprovido da infraestrutura básica para aulas e para organização dos seus estudos, os estudantes das camadas populares, os mais necessitados(as), terminaram, por ficar desprovido(a) desse direito fundamental: o direito a educação.

As iniciativas de ensino remoto, ensino híbrido, entre outras alternativas, gestadas na emergência dos acontecimentos, foram aos poucos, deixando transparecer a fragilidade do sistema educacional brasileiro, digo, transparecer, pois, muitos dos problemas não surgiram com a pandemia, mas com o seu advento, ganharam força e forma. Diante deste contexto, questiono-me: como os estudos sobre a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire permitem apontá-la como subsidio a Educação Brasileira em tempos da pandemia da Covid-19? O que

trata Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia? Quais desafios são postos a Educação Brasileira com o advento da pandemia da covid-19? Quais são os saberes necessários a prática educativa frente ao desafio imposto pelo período pandêmico da Covid-19?

Recorremos a este autor por ser um pensador e educador que melhor conheceu a realidade brasileira e a melhor traduziu, pois as propostas de Freire são essenciais a sociedade em que vivemos e que devemos estar atentos ao que se passa a sua volta, aperfeiçoando e refletindo de forma crítica sobre ela. Por isso, tomamos como objetivo geral: Discutir estudos sobre a obra Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, procurando apontar, como ela pode subsidiar a Educação Brasileira em tempos da pandemia da Covid-19 e como objetivos específicos: identificar a abordagem presente na obra Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire; reconhecer os desafios postos a Educação Brasileira com o advento da pandemia da covid-19; pontuar os saberes necessários à prática educativa frente ao desafio imposto pelo período pandêmico da Covid-19.

Para dá andamento, as discussões teóricas encontraram eco nos debates sobre a temática em autores como: Cavalcanti (2020); Charles Holgeset *et al.* (2020); Chiarellai, *et al.* (2015); Costin (2020); Everton (2020); Gaia, Silva e Candido (2020); Hora e Bezerra (2021); Pasini, Carvalho e Almeida (2021); Savian, Bem e Batista (2020); Schram e Carvalho (2021); Silva e Silva (2020); Silva (2015); Souza (2021); Vasconcellos (2007), que de forma singular contribuíram para as reflexões aqui apresentadas.

A metodologia utilizada para alcançar o objetivo proposto para este texto, contemplará os pressupostos de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica. Os estudos qualitativos são aqueles que se ocupa do nível subjetivo e relacional da realidade social (MINAYO, 2001). Já o bibliográfico tem por finalidade estabelecer contato com o material escrito e publicado sobre o assunto (MARCONI; LAKATOS, 1992). Realizamos um estudo de natureza teórica do tipo exploratório, que consistiu de um levantamento de literatura que aborda a temática pautada em autores que possibilitam o aprofundamento em relação ao tema e depois de realizar leitura analítica, tomamos apontamentos reflexivos e elaboramos a síntese com a qual construímos este texto. Creditamos as propostas de Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia, um papel de vital importância para a sociedade brasileira em tempos de Pandemia da COVID-19, pois os conhecimentos por ele ali veiculados apontam para os saberes da prática pedagógica e colabora no desenvolvimento integral e saudável do(a)educando(a), levando sempre em consideração a ética, e a estética, a competência profissional, a liberdade, a solidariedade e a ternura.

Daí a relevância deste estudo, que apostamos em colaborar com educadores e educadoras e demais envolvidos com a educação brasileira nesse tempo difícil de pandemia, para tanto organizamos este estudo em três etapas: a primeira dedicada a analisar a *abordagem freiriana da Pedagogia na Autonomia*; na segunda etapa procuramos apontar os *Desafios à Educação Brasileira com o advento da pandemia da Covid-19*, onde pontuamos os efeitos da pandemia na educação brasileira, na sociedade de modo geral apontando os desafios e alternativas encontrados, tendo em vista atender a demanda da educação brasileira. E na terceira etapa abordamos os *Saberes necessários à prática educativa frente à Covid-19*, nesta etapa abordamos a aplicabilidade da sabedoria freiriana ao contexto atual da educação brasileira.

## **Abordagem freiriana na Pedagogia da Autonomia**

O Educador Paulo Freire, a muito tem sido para a educação brasileira um marco referencial, de potencial inigualável. Desde suas primeiras atuações antes mesmo de ser exilado, ele já propunha um projeto de educação que revolucionava os postulados até então, pelas políticas governamentais. Freire incomodou muita gente, e ainda incomoda, com seu jeito gente de ser professor e com seu jeito humano de ensinar.

Freire entendia o ser humano como um ser inacabado, para ele:

O inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. A invenção da existência a partir dos materiais que a vida oferecia levou homens e mulheres a promover o suporte em que os outros animais continuam, em mundo. Seu mundo, mundo dos homens e das mulheres. A experiência humana no mundo muda de qualidade com relação à vida animal no suporte (1996, p. 29).

É essa visão de inacabamento, do ser humano enquanto inconcluso, que fez de Freire um esperançoso na humanidade, o tornando apaixonado pela educação. Para ele, o(a) homem/mulher em sua finitude e como ser inacabado, é um ser social.

Sendo o homem/mulher, um ser inacabado, ele(a) necessita ser educado(a), e educado(a) de acordo com os valores e práticas do seu tempo, esse processo se dá na interação com outros sujeitos, outras culturas e não em um processo bancário de receptório de conteúdo e valores impostos. A ética emerge, como essencial ao exercício da educação como prática da liberdade.

Conforme vemos a seguir, Freire é crítico ferrenho da concepção de educação bancária, apontando a criatividade de educando(a) e educador(a), como elemento importante no processo de superação do autoritarismo, latente na educação bancária.

[...] de um lado, à crítica e à recusa ao ensino "bancário", de outro, a compreender que, apesar dele, o educando a ele submetido não está fadado a fenecer, em que pese o ensino "bancário", que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitado pode [...] superar o autoritarismo e o erro epistemológico do "bancarismo" (1996, 13-14).

Conforme apontado acima, para Freire o ensino bancário é um erro epistemológico. É pelo processo criativo, pela curiosidade e gosto pela rebeldia que se é capaz de superar o bancarismo, superar o autoritarismo e construir educação emancipadora. Segundo Chiarellai, *et al*,

A proposta de Paulo Freire da educação da libertação (ou educação problematizadora) se baseia na indissociabilidade dos contextos e das histórias de vida na formação de sujeitos, que ocorre por meio do diálogo e da relação entre alunos e professores (2015, p. 419).

A indissociabilidade de contextos e histórias de vida são, para Freire, fundante na formação do sujeito e não pode se dar dissociada do diálogo e da autêntica relação educador(a), educando(a), os quais são transformados pelo/no processo.

Enquanto ser inacabado, lançado ao mundo e com o mundo, o ser humano, vive uma relação profunda e dinâmica, entre o eu, o outro e o mundo e desta forma ele se constrói. É nesta perspectiva que se impõe a necessidade da educação, pois, os seres humanos dela precisam, para agir de maneira correta e equilibrada dentro da sua existência.

Em Pedagogia da Autonomia, o autor, aborda a importância de saberes indispensáveis à prática educativa. Para ele, o(a)educador(a) precisa despertar no(a) educando(a) o senso crítico e problematizador da realidade em que vive. Assim aponta nesta obra que o(a) educando(a) desde o início do seu processo formativo deve ser sujeito na construção de saberes (1996).

Para Freire (1996), o(a) educador(a) não modela o(a) educando(a) lhe dando uma forma, pois os dois são sujeitos do processo ensino-aprendizagem, mas, tem o papel de problematizar situações de aprendizagem e de construção do conhecimento, pois ensinar é criar possibilidade para construção do saber. Portanto, necessitam pensar/agirem juntos como o intuito de possibilitar a tomada de consciência e despertar o senso crítico. Conforme Schram e Carvalho:

[...] Paulo Freire busca a coerência entre a razão humana e a consciência, pela qual o homem pode transformar-se e transformar o seu contexto social. [...] pela formação da consciência crítica, em que o ato de educar conduz a liberdade, [...] desenvolvendo suas potencialidades, humanizando-se no exercício da responsabilidade que tem frente às mudanças sociais (2021, p.4).

A consciência crítica aqui apontada por Freire na visão de Schram e Carvalho, é antídoto para ir a origem das coisas, para não se permitir manipular, pois, uma vez, submetendo-se a ação à reflexão, não mais deixa-se massificar.

Segundo Hora e Bezerra, ética e estética para Freire precisam estar lado a lado,

Uma educação crítica e ética está baseada em uma troca professor-aluno. O professor aprende a ensinar e o aluno aprende a aprender. O ato de ensinar é belo e a beleza que existe no processo educativo tem que ser valorizada, sendo preciso colocar a formação ética ao lado da estética (2021, p.5).

Por isso, o(a) educador(a) precisa ter consciência que o processo formativo e atitudinal deve levar em consideração a ética e a estética. Educador(a) e educando(a) são sujeitos do processo educativo, por isso, precisam ser ativos na construção do saber, valorizando a inteireza da beleza que é o ato de educar. Educador(a) e educando(a) precisam estar abertos a relação dialógica e a ação acolhedora do outro (FREIRE, 1996).

O ser humano é capaz de ajuizar, decidir, escolher, romper limitações e de intervir no mundo. Dotado de inteligência faz uso de materiais que a vida lhes oferece. É essa experiência que lhe permite um salto qualitativo, que o distingue dos outros animais. Ele cria e aperfeiçoa o seu espaço. A solidariedade, o permite atribuir um sentido para a existência. Logo, ele é um ser social. O seu corpo é consciente, transformador, nele reside a beleza, a estética e a ética, valores formativos que emergem transversalmente na prática educativa (FREIRE, 1996).

Para Freire (1996), o discente pode subverter as fronteiras da educação bancária, indagando-se e analisando criticamente o mundo, ser arauto de novos saberes, numa aventura libertadora que marcará de qualitativamente o seu desenvolvimento. Pensar a educação, para além da prática bancária, impõe ao(a) educador(a), ser ético, que é capital para o seu bem-estar, pois a educação para a autonomia, perpassa pela ética, a qual, afeta-nos no campo: afetivos, cognitivos, emocionais, e sociais sua ausência, causa desconforto pessoal e interpessoal.

Na legislação Educacional brasileira, a educação abrange diversos processos formativos, que se desenvolve desde a vida familiar até variadas manifestações culturais.

Freire (1996), também não concebe a educação como algo distante e desconexo da realidade, para ele uma educação como prática da liberdade, isto é, uma educação emancipadora, é aquela que eleva e humaniza o homem/mulher, que ela se dá na vivência plena do dia a dia.

Tanto o ser humano, como seus saberes têm historicidade. O contexto histórico cultural e social é que lhe desperta para o fato, que ele é um ser aberto, não pronto, um constante vir a ser. Conforme Silva,

O ser humano é um constante devir, [...] que vai sendo instruído através do fazer educativo. Não se pode fazer uma domesticação do homem [...] Neste sentido, não é possível reificar o ser humano [...] educar o homem é contribuir para a sua autonomia e libertação (2015, p. 87).

Fica patente, que para Freire (1996), a educação é um fazer humano, não sendo possível, portanto, a domesticação do homem/mulher, pois sua educação acontece no tempo e no espaço, isto é, na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações, nas manifestações culturais, ou seja, ela se dá onde quer que o sujeito entre em interação com o outro.

Na prática educativa para emancipação, o(a) professor(a) deve extrapolar os limites dos conteúdos e enveredar pelo caminho da pesquisa, não por qualidade exclusiva dele(a), mas por ser uma característica elementar a sua função, pois, a prática docente é enriquecida pela curiosidade, que desperta e deixa estudantes inquietos(as), interessados(as), principalmente quando os conteúdos são saberes (temas) gerados na prática comunitária.

Uma educação emancipadora, conforme apresentada por Freire (1996), em Pedagogia da Autonomia, requer do(a) educador(a), aceitação e assimilação do novo, bem como posicionar-se contra a discriminação, uma vez que, numa pedagogia com prática libertadora é inconcebível ser tutelada e pactuada práticas preconceituosas.

Para Freire (1996), homens/mulheres são sujeitos da própria educação e não objeto. O ser humano é um ser capaz de autorreflexão, portanto, capaz de pensar antes de agir. Sua consciência o impulsiona para a educação, entendida, com resposta da finitude da infinitude, o que o faz buscara perfeição. Isso porque, segundo Souza “a inconclusão que se reconhece a si mesma implica [...] permanente processo social de busca” (2021, p. 3).

Esse processo social de busca, não é algo trivial, é um encontro consigo mesmo, o encontro com seu viraser, uma busca que por mais singularizada e subjetivada que seja, jamais é isolada, solitária, pois, todo saber é produto (ainda que aberto) do pensar coletivamente, é o resultado da comunhão com as outras consciências, impossibilitando assim, isolar homem/ mulher como se fosse uma ilha, o ser humano é naturalmente

comunicação. Logo, se é verdade que ninguém educa ninguém, é patente também, que ninguém se educa sozinho.

Para Freire, não faz sentido uma teoria pedagógica que se diga neutra, onde os atores do processo educativo sejam neutros, isto é, não participam como protagonistas na elaboração e construção dos seus saberes.

Que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez, mas hipócrita, de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? "Lavar as mãos" em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele. Como posso ser neutro diante da situação, não importa qual seja ela, em que o corpo das mulheres e dos homens vira puro objeto de espoliação e descaso? (1996, p. 70).

Na concepção de educação freiriana, não se pode conceber a educação, neutra, separada de um posicionamento político. Educar é ato político, portanto, nos põe diante da tomada de decisão, da escolha e fazer escolha, implica em pensar a realidade em que se estar imerso, a realidade concreta, pois não basta ao homem/mulher estar no mundo, é preciso que se tenha consciência disso, pois ao pensar sobre si, pensar sobre o outro, pensar sobre o mundo, o ser humano torna-se inserido no mundo e agindo politicamente é capaz de transformar-se e transformar o mundo.

## **Desafios à Educação Brasileira com o advento da pandemia da Covid-19**

Em 2020, o mundo foi surpreendido pelo surgimento de uma nova doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), a Covid-19. Essa doença rapidamente se proliferou de maneira assustadora, por todo o mundo, sendo detectada pela primeira vez na China, ainda no final de 2019, quando o cenário internacional tem um clima de guerra (o ataque comandado por Donald Trump que matou o principal líder militar iraniano, QasemSoleimani e a "Terceira Guerra Mundial" que se conjectura decorrer desse fato).

Quando então, a Covid-19 aparece desestabilizando o mundo mostra, de certa forma, o horror com que estamos caminhando, muito mais preocupada com lucros e dividendos do que realmente nos preocupando com a humanidade. Tendo como consequência, políticas de governos, muito mais mercadológica, voltadas para os gerenciamentos de crises, ao invés de cuidar dos problemas emergenciais e humanitários da população.

O surgimento da covid-19, deixa um claro recado para o mundo, que da maneira que estamos lidando com a vida, doenças como essa, serão inumeravelmente multiplicadas e inevitavelmente, todos(as) sofrerão as consequências. Especialmente as camadas menos

favorecidas serão dizimadas por conta da irresponsabilidade humana, por conta do descaso com a vida, daganância, da corrida desenfreada para ocupar o pódio no cenário internacional de melhores Nações, de países mais ricos, de empresas, organizações com maiores dividendos, lucros e por conta da vaidade narcísica de muitos governantes. É neste cenário de “circo de horrores”, que observamos o mundo perplexo diante da pandemia da covid-19, causada pelo novo coronavírus. Segunda Gaia, Silva e Candido, consta ressaltar que,

esta não é a primeira vez que as sociedades globalizadas e ocidentalizadas pelo imperialismo colonial sofrem com uma pandemia. No século passado, e mesmo no início deste milênio, deparamo-nos com os efeitos de pandemias e epidemias que mataram milhares de pessoas, como é o caso da gripe suína e da gripe espanhola, por exemplo (GOULART, 2005; MACHADO, 2009). Ainda assim, não existe preparo para lidar atualmente com essa nova situação que cresce consistentemente com o passar dos dias (2020, p. 21).

Despreparado para lidar com o aparecimento de novas catástrofes e novas doenças, conforme mencionamos a cima, o mundo viu-se atordoado com a doença fruta do coronavírus, que foi cientificamente batizado como SARS-CoV-2, o novo coronavírus, tem o seu nome carregado de significado, sendo, portanto, a primeira parte SARS a abreviação de: **Síndrome Respiratória Aguda Grave** e a segunda CoV a abreviação de coronavírus. E o 2 por sua semelhança com outro coronavírus que causou outra pandemia em 2002.

A Covid-19, em pouquíssimo tempo, se alastrou por todo mundo, até ser a maior crise sanitária que o mundo já teve. De repente, as medidas emergências tomada pelas autoridades, tendo em vista tentar conter o avanço da pandemia, foram desafiando as pessoas a fazer um isolamento social e começarem a ter suas saídas para vida pública restringida e/ou limitadas.

O setor produtivo também teve que ser regulamentado, gerando de certa forma grandes preocupações, tanto do ponto de vista sanitário, quanto do ponto de vista econômico. Talvez, por conta deste setor, foi que se verificou um fenômeno antagônico e bizarro diante do que estava acontecendo no mundo, aparece no cenário mundial, os negacionistas, que tentam desacreditar a pandemia, tendo em vista, manter o setor produtivo a todo vapor, como expresso em algumas falas: “morra quem morrer”, “isso é só uma gripezinha”, “todo mundo vai morrer um dia”. Ainda não satisfeitos, com efeitos produzidos pelo seu negacionismo, estranhamente, são esses, que vão receitar tratamento precoce, na qualidade de charlatões, visto que, a maioria não eram profissionais de saúde e, no entanto, prescreviam medicações sem eficácia e com potencial de agravamento da doença, uma vez que, estes medicamentos já passaram por algumas etapas de estudo científicos, reconhecidos pela OMS<sup>2</sup>, sendo

<sup>2</sup>Organização Mundial da Saúde.

considerados ineficazes no tratamento da Covid-19. A ganância humana tem se revelado um verdadeiro “circo de horrores”, onde o lucro é mais importante que a vida.

Igualmente atingido, pelas medidas de contenção da disseminação da Covid-19, foi o setor educacional, que teve suas atividades suspensas, tendo em vista não se ver em pouco tempo um verdadeiro colapso social, pela propagação desta praga. Inicialmente foram suspensas aulas e atividade não essenciais do setor, posteriormente foram sendo criadas outras alternativas. Em todo mundo cerca de 190 países fecharam total ou parcialmente suas escolas, medida essa, que atingiu cerca de 1,5 bilhões de estudantes (COSTIN, 2020).

Outras medidas foram recomendadas expressamente pela OMS, como o apelo aos chefes de nações que não desamparasse a população mais vulnerável, pois com certeza, esses seriam os grupos humanos que mais sofreriam com a crise. Recomendou-se ampara-las. Assim, alguns países criaram auxílios emergenciais, como forma de garantir a sobrevivências dos necessitados(as) e atingidos pela pandemia.

Países como a China, Austrália, entre outros que seguiram criteriosas as medidas recomendadas, tiveram resultados significativos no combate a Pandemia. Outros tiveram dificuldades por falta de uma ação coordenada mais efetiva. O Brasil, mesmo tendo uma estrutura histórica como o SUS, com grande potencial para conter a pandemia logo no seu começo e a manter sobre controle com o passar do tempo; o negacionismo, a panfletagem de medicamento sem eficácia, (curandeirismo), o baixo índice de testagem, o desincentivo ao uso de máscaras, a corrupção como modo operante, como os casos dos respiradores; e mais recentemente, os escândalos que envolvem a aquisição das vacinas, tudo isso, contribuiu, para que hoje o país conte com 20,7 milhões de casos e com mais de 578,3 mil mortes por Covid-19<sup>3</sup>.

É neste cenário, que observamos a pandemia da Covid-19, no momento que nos debruçamos para escrever este artigo. Um cenário que no caso brasileiro, parece ser irresponsavelmente otimista, visto que já se começa fazer relaxamentos de medidas em diversos setores, como voltadas torcidas aos estádios, realizações de *show*, liberação de eventos com números de pessoas delimitadas (que diga-se de passagem, não se cumpre) e até mesmo as instituições escolares, estão voltando a funcionar, de forma híbrida, com ensino remoto para todos(as) e presencial de forma facultativa até o fim do ano. Todavia, advertimos que as autoridades científicas ainda alerta, para se ter cautela, no que diz respeito ao relaxamento das medidas de combate a disseminação da Covid-19.

<sup>3</sup> Dados da Agencia Brasil. Disponível em: [encurtador.com.br/oPU46](http://encurtador.com.br/oPU46).

No Brasil que se verifica, especialmente após o golpe de 2016<sup>4</sup>, é que o país ainda se encontra, muito distante de alcançar uma educação de qualidade e ainda perpétua, gravíssimo quadro de desigualdade educacional, quadro esse, que, já vinha piorando, com a política de desinvestimento do governo Bolsonaro e que se agravou com o advento da pandemia.

Inegavelmente essa ideologia governamental instituída no país, que desfavorece a aprendizagem e exclui sujeitos da educação, não é fruto da pandemia, pois já pré-existia. Porém, agora se agrava, sobretudo aos enumeráveis e invisíveis sujeitos no contexto dessa institucionalidade (EVERTON. 2020, s/p).

O agravamento da situação educacional com o advento da pandemia, fez com que as autoridades do campo educacional procurassem alternativas, que pudesse dar resposta a essa situação. As primeiras iniciativas após o fechamento das instituições escolares, foi se pensar um ensino que pudesse dar conta das demandas educacionais de estudantes e educadores(as) de modo geral. Até então não se tinha noção de quanto tempo, esse processo iria durar, nem de como era possível articular uma proposta de ensino que pudesse dar conta da fragilizada educação brasileira.

Esse pensar a educação em tempos pandêmicos colocou em evidências alguns desafios existenciais, digo, colocou em evidência, pois não se trata de novos desafios, mas de velhos problemas, que foram potencializados, ou ganharam nova roupagem, com o advento da pandemia.

Assim, autoridades do campo educacional pensaram ser necessário, perceber como os(as) professores(as) enfrentam os momentos de dificuldades, no tocante a sua prática docente; pois o momento desafiava, e ainda desafia, os profissionais da educação a aprenderem a ter disposição de aprender, a fazer o que ainda não sabem, e como envidar esforços para uma ação pedagógica que de forma abrangente, pudesse contemplar todos(as) os estudantes.

Entre tantas discussões, muitos embates começaram se apontar para o trabalho com recursos tecnológicos, ferramenta necessária, para o chamado ensino remoto. Deste modo foi se gestado propostas e projetos que pudesse normatizar e dar forma ao até então desconhecido “ensino remoto”.

<sup>4</sup> Denominamos de golpe de 2016, o impeachment de Dilma Rousseff, a partir de arranjos conspiratórios e argumentos jurídicos constrangedoramente precários, levado por uma onda avassaladora de ódio, misoginia, machismos, racismo, preconceitos, homofobia, desinformação e interesses escusos. Esquentando pelo aparato midiático pirotécnico, pelos movimentos religiosos de extrema direita, incitados pelos seus principais coronéis da fé e pela Operação Lava Jato, que na época ainda pousava de *puritana* e que estaria realizando a *varredura* que o país precisava, legado esse que não perdurou muito tempo (hoje desmoralizada, perante as acusações que pesa sobre seus principais atores).

Em meio a este contexto, [...] surge o modelo de aula remota como uma opção viável a manutenção das aulas e do ano letivo, porém não totalmente eficiente, devido a multiplicidade de contexto socioeconômicos vigente em nosso país. É fundamental ressaltar que o ensino remoto tem caráter temporário e emergencial e que, mesmo com as lacunas que apresenta, ainda é uma das poucas alternativas para a manutenção das atividades de ensino (SAVIAN, BEM; BATISTA, 2020, p.109).

Algumas lacunas ainda estavam por ser resolvida, diante da tão inesperada solução: nem todo(a) professor(a) tem formação necessária para lidar com as tecnologias, limitação essa que terminariam por se sobressair quando da vivência dessa nova experiência.

Outro desafio, ainda ligado a essa questão tecnológica, diz respeito que nem todos os lares têm acesso a computador, “internet” e condições adequada para se transformar em sala de aula e neste quadro, estão professores(as) e estudantes, carentes de uma solução efetiva que pudesse contemplar a todos(as).

Os desafios impostos a educação brasileira pela crise, demonstram a importância da prática docente no seu enfrentamento pedagogicamente, visto que, são os(as) professores(as), que estão na linha de frente, atuando em caráter excepcional, para que a educação possa ser garantida para todos(as) os estudantes.

A pandemia também potencializou as dificuldades educacionais, que já vinham se agravando e colaborou para evidenciar as diferenças socioeconômicas no campo educacional e como elas são paradigmáticas no tocante ao sucesso e fracasso dos processos de ensino-aprendizagem. Isso evidencia de certa forma, a história do Brasil, que sempre foi uma educação pensada para atender a uma elite dominante, portanto, exclui as classes sociais menos favorecidas. Trata-se de uma história marcada pela negação de direitos básicos, especialmente para as camadas mais populares.

Notadamente que o Brasil vive uma crise na educação, não sem propósito, a crise de aprendizagem, vivenciada é um projeto político, tendo em vista, a criação de massa de manobra, analfabetos funcionais, destituído de um senso crítico; os estudantes aprendam apenas a buscar certificações e obtenções de resultados imediatistas, que não tenham a ver com um projeto de sociedade. É essa a conjuntura atual em que observamos o cenário educacional brasileiro, sobre o qual somos desafiados a intervir e transformar.

Em momentos como atual, torna-se necessário repensarmos a educação e todos os seus processos. Paulo Freire escreveu que “O homem está no mundo e com o mundo” (1983, p. 30). Se o homem estivesse apenas no mundo, não haveria transcendência e não interferiria na história desse mundo. Não poderia objetivar-se e, por consequência, não conseguiria distinguir entre um e o outro.

Agora as pessoas estão no mundo e com o mundo.

A educação está sendo modificada pela adaptação docente e discente, acerca de diversos programas, aplicativos, ferramentas que passaram a ser utilizadas na educação (PASINI, CARVALHO, e ALMEIDA, 2021, p.4).

Nesse sentido, os anos da pandemia do novo coronavírus marcarão a história da educação brasileira, como o período em que os profissionais da educação tiveram obrigatoriamente de se reinventarem, pensar formas alternativas de ensino, como o ensino híbrido, o ensino EAD, o ensino remoto, entre outras; mas em tudo sendo desafiados a reorganizarem seus planejamentos, realizarem adaptações em suas vidas, tanto profissional, bem como a pessoal, visto que em muitos casos, foram suas casas que se tornaram sala de aula, ou melhor, a janela, por onde a sala de aula acontecia. Autoridades e gestores da educação precisam rever legislações e meios para que a educação não mais pudesse ficar paralisada e nesse campo contou mais uma vez com o empenho e esforços dos(as) professores(as), que juntamente, com os(as) alunos(as), precisaram de se adaptar a essa nova realidade.

A ausência do contato, foi para muitos(as) educadores(as), um rompimento muito forte, dado que a educação é eivada por essa prática. E por essa perda, muitos educadores(as) temeram, o que vem de fato se confirmando, a evasão escolar.

Gradualmente, em muitos cantos do país, o termo ensino remoto foi sendo um dos de maior uso. Mas a final, o que seria, então, esse tal de ensino remoto? Pouco se sabia e ainda pouco se sabe, do que seja o ensino remoto, mas para melhor entendimento, aqui, o caracterizamos como sendo mudança provisória nas atividades de ensino-aprendizagem, para uma prática alternativa que possa circunstancialmente, atender, ainda que parcialmente, as necessidades educativas em tempo de crise.

De missão redencionista, o ensino remoto é apregoado, com a finalidade de salvaguardar o direito a educação, por um período temporário, enquanto o presencial não é possível. Promete ofertar temporariamente instrução e suporte educacional de forma “rápida” e “confiável”, por meio de aplicação de atividades. Ele não é para substituir o presencial, pois está fadado a encerrar com o controle da pandemia da covid-19, apesar de que, com o fim da pandemia, cremos que ele ainda coexistirá, pois o que verificamos é um ensino ao sonho das elites e dos conservadores que almejam um ensino bancário, classista e excludente, destoando, de toda uma tradição crítica, que a educação vinha passando nos últimos anos, por essa razão cremos que ele sobreviverá à pandemia, talvez, transfigurado com outro nome.

Por analogia, as desigualdades educacionais afinam-se ainda mais neste momento, com uma nítida prática de educação como transmissão de conhecimento. Aliás, um modelo de educação sonhado pela burguesia, ou

seja, uma educação classista, que não chega a todos por economia financeira, que não amplia possibilidades de acessar direitos, que reforça a concorrência com o mote de suas práticas, que incentiva uma relação sem direito ao contraditório e sem interatividade com os mais pobres. Um encaixe perfeito! (EVERTON, 2020, s/p).

O direito à educação para todos(as), que vinha sendo conquistado em políticas públicas mais progressistas, tem sido gradualmente desarticulado, frente ao desmonte da educação empreendida pelo governo Bolsonaro. Este cenário cria um desânimo e uma descrença, em toda e qualquer alternativa, que apareça para vencer esse período pandêmico.

Mesmo descrente com o cenário nacional, todos(as) que estavam isolados(as) e impedidos(as) de ações presenciais nas escolas, foram acometidos(as) com as rápidas soluções, que incomodaram e trouxeram consigo sofrimentos e angústias, ao passo que, boa parte dos atores sociais deste processo, não tinham a compreensão nem a preparação para o ensino *on-line*. Poucos eram os(as) professores(as) que tinham experiência com tecnologias na perspectiva de um ensino remoto. Há até mesmo, professores(as) que mal tem conhecimento de como preparar um planejamento ou uma atividade no computador. Da mesma forma, nem todos(as) alunos(as) tem acesso à *internet*, computador ou celular em condições ideais para esse tipo de ensino. Todas essas questões logísticas já deixavam evidente que o ensino remoto, seria um benefício para uma pequena parte da população estudantil brasileira, aquela que tem poder de compra, acirrando assim ainda mais a desigualdade educacional no Brasil. Segundo Silva e Silva, em relação aos estudantes, observa-se que,

muitos não possuem dispositivos e internet para acesso aos ambientes e atividades, e parte das famílias, com baixo índice de escolaridade e não conseguem auxiliar nas atividades propostas. Portanto, esses são alguns dos dilemas das escolas no contexto de vulnerabilidade social (2020, p. 57).

Por outro lado, supõe-se que o ensino emergencial poderá potencializar a formação de jovens e professores(as) para o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), uma demanda da área, nesse início de Terceiro Milênio.

Observamos que o ensino remoto exige o uso das TDIC, demanda cada vez mais presente nesse início de Terceiro Milênio, sendo, papel da escola preparar o cidadão para os desafios do presente e do futuro, é possível que, essa experiência, desperte o gosto entre jovens e professores(as) por uma aproximação muito mais proveitosa dos recursos tecnológicos em seus processos formativos.

O ensino remoto impõe a necessidade das novas tecnologias, não tão familiar a muitos educadores(as), conforme Calvalcanti,

[...] o ensino remoto seria tranquilo, pois saberiam utilizar as ferramentas como o Google Classroom, o Google Meet e o WhatsApp, e a oferta por um ensino atrativo e menos excludente poderia ser possível. No entanto, as escolas possuem profissionais docentes que até o momento não tinham vivido a pressão e a necessidade do uso das tecnologias em sala de aula, e, quando muito, trazer um vídeo ou filme tinha sido a experiência mais tecnológica que haviam experimentado (2020, p. 43).

Os desafios do ensino remoto, colocou educadores(as) e discentes diante de saberes totalmente novos para muitos deles, colocou em pé de igualdade, os que dominam a tecnologia e os que não dominam, os que tem mais condições de acesso e os que não tem, gerando assim em ambas categorias um abismo. Logo essa demanda gerou a necessidade formativa para professores(as) e alunos(as) que precisam estar preparados para participarem desse processo. Muitas instituições e segmentos organizaram cursos aligeirados, tentando evitar um impacto negativo desse não saber, na oferta do ensino remoto.

Mesmo com essa possibilidade formativa, no caso de alguns estudantes sem acesso algum equipamento necessário ao ensino remoto, ou até mesmo, sem o acesso à internet, seja por sua localização de moradia ou por questões socioeconômicas, buscou-se como alternativas, disponibilizar o material impresso com as atividades elaboradas pelos(as) professores(as).

Outro desafio encontrado, pela ausência de aulas presenciais, foi o alimento da merenda escolar, que poderia estragar nas prateleiras. No intuito de atender a demanda, a solução encontrada foi destinar os alimentos da merenda escolar diretamente aos pais ou responsáveis. Em algumas localidades também, foi explorado, mídias mais tradicionais, para auxiliar na oferta educacional em tempos pandêmicos, com rádio e televisão. Também se flexibilizou o calendário escolar. E outro velho desafio, a articulação escola e família, essa demanda, não pode em nenhum momento ser esquecida, uma vez que, a nova configuração das aulas, nos moldes do ensino remoto, põe os pais e/ou responsáveis como atores ativos nesse processo, missão essa que os(as) professores(as) tiveram que assumir.

Desta forma, os educadores(as) têm vivenciado essa pandemia com uma carga de trabalho bem mais exaustiva, desafios que vão desde o uso das ferramentas tecnológicas, *internet* com baixa velocidade, manuseio de computador, dispositivos móveis, gravação e edição de videoaulas, ambientes de interação virtual no Google *Classroom*, *Meet*, *Zoom* sala de aula e plataformas, sem deixar de assumir as antigas obrigações inerentes ao exercício da

sua profissão, como as atividades rotineiras dos educadores(as): planejamento, registro em diário de classe e reuniões pedagógicas, avaliações, correções, entre outras.

## **Saberes necessários à prática educativa frente à Covid-19**

O cenário pandêmico que estamos vivendo revela a fragilidades da saúde e da educação nos seus mais diversos aspectos, pois esta crise é muito mais que uma crise sanitária, mas, sobretudo, uma crise moral, que nos leva a refletir como ser humano, sobre como estamos lidando com a vida e com o planeta. É uma crise conjuntural, que tem sua gênese nos moldes operantes do capital, isto é, produzir, acumular, lucrar e para tal, lança seus tentáculos em diversos aspectos da sociedade, sejam eles, políticos, econômicos, sociais, culturais e educacionais, como forma de dominação paradigmática.

No seu livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*, Paulo Freire, apresenta três abordagens, numa simplicidade singular, porém numa densidade profunda que, parece que a obra consegue abarcar todo universo dos saberes necessários a prática educativa. A seguir discorreremos um pouco sobre esses três pilares (capítulos) da Pedagogia da Autonomia fazendo suas vozes ecoar como reflexão necessária à *práxis* docente em tempos de quarentena, de restrições da vida em sociedade.

16

### ***Não há docência sem discência***

As novas práticas escolares, emergentes com a pandemia, requer que professores (as) e alunos(as), não se limitem apenas a transmissão de conteúdo, tomando o uso das tecnologias um brinquedinho novo, pois o contexto social e cultural, desafia a pensar as mudanças que queremos enquanto ser humano e a pensar a sociedade que queremos construir. Para Charles Holgeset *al.*, o ensino emergencial é uma alternativa circunstancial,

[...] é uma mudança temporária de ensino para um modo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise. Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para instrução ou educação que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente ou como cursos combinados ou híbridos e que retornariam a esse formato assim que a crise ou emergência diminuísse (2020, p. 7).

Responder as novas demandas do sistema de ensino, não significa aceitar ingenuamente a transposição de um sistema educacional para outro. Não se busca apenas a modernização com novas tecnologias, o que se deseja é uma educação que der respostas

efetivas as carências educacionais da nossa sociedade. Modernização, não quer dizer transformação.

O desafio imposto a educação é o de reconstruir as novas relações humanas, de rever o papel de professor(a) frente a atividade de ensino, um papel que é de emancipação e não de transmissão de conteúdo. O que se tem observado são muitos educadores(as), preocupado em como usar a tecnologia para repassar ao menos “x” por cento da sua disciplina. Quando na verdade, o questionamento deveria ser: que visão de homem/mulher e de mundo eu tenho diante do cenário que vivemos? Para onde estamos indo, enquanto humanidade, com tanta ganância e com tanto desespero pelo lucro, aponto de querer, que num tempo desse, seus concidadãos, vá trabalhar pondo em risco sua vida e de seus familiares? Esses questionamentos entre outros, devem permear a prática docente.

É preciso entender, que o desafio da pandemia é “enfiar goela abaixo” de professores(as), e de uma hora para outra, tecnologias com as quais ele(a) não está familiarizado(a). Por mais que o discurso seja, de uma serena sensibilidade, para o bem de todos(as), a ética da esperança, não nos permite atropelar, o tempo de cada um. Somos arautos de nós mesmos, precisamos saber que a dor do outro, as dificuldades do outro, de certa forma, também é a nossa.

É pela corporeificação das palavras pelo exemplo, que educadores(as) irão inspirar seus educandos(as), a respeitarem a vida, logo, assumirem as medidas sanitárias, com discernimento crítico, tendo em vista preservar sua vida e a do outro, evitando com isso a disseminação e o avanço da pandemia do coronavírus.

A assunção do indivíduo, não pode ser realizada, desarticulado do entendimento do sujeito cultural, social, histórico e político. Logo, não há, como se pensar numa educação que seja emancipadora, que não considere as precariedades e dificuldades de muitos brasileiros de ter pão na mesa.

Para Silva e Silva,

Pensar sobre sujeitos em vulnerabilidade social no contexto escolar, faz notável a realidade difícil desses sujeitos, condição de fragilidade econômica e moral, vivenciam situações de riscos resultado do contexto econômico e social que estão inseridos. Observa-se que a educação está sendo ofertada de forma precária, sucateada e excludente a camada social vulnerável neste período pandêmico (2020, p.58).

Não se pode, de uma hora para outra, falar de uma educação tecnológica, como se todos(as) tivessem acesso à tecnologia de ponta. Não se pode confundir educação emancipatória, com processo de deposição de informação. Isso é educação bancária, que Freire (1996) tanto criticou ao longo da sua vida. Um ensino emergencial, pautado em

preocupações avaliativas, dos bancos internacionais e até mesmo nacionais, não no processo de emancipação humana, não é um ensino libertador.

O uso da tecnologia de forma indiscriminada, para oferta do ensino remoto, não considera, que há casa, em que um só celular é partilhado por todos os membros da família, enquanto em outras, cada sujeito, tem mais de um celular e computador muito bem equipados de ferramentas inúmeras. Não considerar que a velocidade da *internet* de um é de *trem-bala* e a do outro, o deixa dormindo, em plena *montanha-russa*, de tanto sobe e desce, ou melhor, de tanto cai, cai. Um ensino emergencial que, num processo narcísico, endeusa as tecnologias, da qual se é parte e não reconhece a necessidade de humanização e assunção do indivíduo, não é o ensino emergencial que vislumbramos para esses tempos de pandemia.

Não devemos temer o novo, o que não podemos é ter sobre ele, um olhar ingênuo e não realizar a devida crítica e por ser humano, não nos indignarmos, com as injustiças, preconceitos e discriminações, que tem sido gestada nesse processo. O que precisamos é aproveitar as relações humanas e sociais, emergentes nesse processo e dar-lhes as significações necessárias, acolhendo gestos de solidariedade, ética, estética e amor, de modo a promover a assunção dos indivíduos. Um ensino emergencial que possa promover criticamente a assunção de processo de aprendizagem, pautado na relação dialógica, no respeito mútuo, e sobretudo, na esperança. Assim sendo, se estará assumido uma estratégia, não só necessária, como grandiosa, tendo em vista, superarmos com dignidade humana esse momento pandêmico.

### ***Ensinar não é transferir conhecimento***

Neste segundo pilar da Pedagogia da Autonomia, Freire (1996), afirma que educadores(as), devem criar as possibilidades para a produção ou construção do conhecimento pelos(as) alunos(as), isto porque, o docente não deve estar preocupado em transferir conhecimento. Nas preocupações, emergentes dos tempos de pandemia e de ensino remoto, observamos muitas vezes, a preocupação de pais e educadores(as), a transmissibilidade do saber, mesmo que não evoquem esse nome, mas está patente em suas práticas, e até mesmo são estimulados, ou mesmo condicionados a pensarem de tal modo, o atrelamento feitos pelas autoridades educacionais dos currículos a BNCC<sup>5</sup>, aos mecanismos de avaliação nacional e internacional, o medo de ficar para trás, de não ter “ensinado direito”,

<sup>5</sup>Base Nacional Comum Curricular.

o medo da crítica; tudo isso, faz com que a transmissibilidade do saber ganhe muito mais aceitação no cenário educacional, pois o saber pronto e acabado, o terreno comum, a vala que cabe todos nós, é sempre o terreno mais seguro. Isso gera certa insegurança, fazendo com que os educadores(as), não se aventure nesse mar de possibilidade que é a construção do conhecimento.

Outra preocupação freiriana é que professor(a) e aluno(a) não se reduzam à condição de objeto, para ele, “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro” (1996, p. 12). E é claro que, nenhum dos dois seja feito objetos de um sistema, que lhes inflija uma lógica mercadológica.

Desconhecendo a historicidade dos sujeitos envolvidos no processo educacional, essa lógica produtivista, desconhece a historicidade do saber, logo, apregoa uma pedagogia de resultados e tentam acabrunhar educadores(as) e educandos(as), com o discurso de meritocracia e de empreendedorismos, como quem desafia competidores a alcançar pódios, custe o que custar, não importando quantas vidas fiquem pelo caminho.

A pandemia de certa forma foi reveladora desses sujeitos e escancarou quem são os que estão do lado da vida e os que estão do lado do lucro, do produto, do resultado. A estes, educadores(as) críticos e conscientes, respondem que, não se sujeita a ser objeto ou massa de manobra, para reificar discursos ociosos, vazios, que não coaduna com a ética, nem com o respeito a vida, nem com a dignidade humana.

Educação é processo, portanto o conhecimento precisa ser vivido e testemunhado pelo agente pedagógico, sem reificação ou coisificação, nem fatalismo. Sobre o fatalismo, comum em situações como esse momento histórico da pandemia, Freire alerta:

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de história e cultural, passa a ser ou a virar "quase natural" (1996, p.10).

Freire (1996), diz também que não devemos tomar as situações com fatalidade, mas, tomá-las como estímulo para mudá-las. É preciso, termos a ousadia e a coragem de nos reconhecermos humanamente humanos, conscientes do nosso inacabamento, indo além, da realidade como fatalidade, para realizarmos a intervenção no mundo. Para ele é preciso, tomarmos a situação como motivação, num esforço humano, pesquisarmos, subvertermos a lógica do medo e transcendermos, pois, não somos determinados, mas condicionados,

portanto, podemos sim, realizarmos as mudanças, mudar a nós mesmos e mudarmos o mundo. Para Vasconcellos,

Uma das aprendizagens mais importantes que o ser humano deve fazer na vida e, portanto, também na escola, é de que as coisas podem mudar, que a configuração de mundo que temos hoje é uma, e não a única. Pode ser transformado! A transformação se dará pela ação dos sujeitos. [...] Ser livre é saber lidar com os condicionamentos: tomar consciência deles e dentro da zona de autonomia relativa, fazer as opções de acordo com um projeto de vida (2007, p. 3-4).

Conforme Vasconcellos, somos seres da mudança, da transformação, da liberdade para lutarmos contra os condicionamentos, contra o que cerceia nossa liberdade, somos livres, na vida e na escola, para lutarmos por nossa emancipação. E o ensino para emancipação exige, luta, bom senso, humildade, tolerância e perante as novas propostas emergenciais de ensino, sejamos coerentes, diminuindo a distância entre o discurso e a prática, pois a luta pelo direito à educação, exige apreensão da realidade, especialmente entre os que trabalham com educação, procurando entender que na atual conjuntura, estamos todos(as) sobrecarregados(as), tanto os docentes, quanto os discentes, portanto devemos praticar a empatia e a solidariedade.

Em tempos pandêmicos ou não, de ensino remoto ou qualquer outra modalidade que se possa pensar, não devemos esquecer que o respeito a autonomia e à dignidade humana é um imperativo, portanto, não é um favor, é um dever.

Diante do cenário de ensino emergencial, observa-se a necessidade de não inibir, nem de dificultar a curiosidade de nenhum dos atores do processo educacional, mas pelo contrário, estimulá-la, pois a curiosidade de um não pode inibir a curiosidade do outro, visto que é por meio dela que vão se criando saberes provisórios que na comunhão do ato de ensinar, constrói conhecimento. A curiosidade é fundamental, para evocarmos aspectos da nossa humanidade, que nos garantem o folego de sobreviventes, a nossa curiosidade, evoca nossa imaginação, nossa intuição e nossa capacidade de comparar, abismar, transformar e transcender. Diante do mundo perplexo, com a Covid-19, o que pouco se tem é certeza, logo, o ensinar a pensar e pensar por si só, é um ato revolucionário necessário.

Por fim, podemos afirmar que Freire (1996), nesse segundo pilar da pedagogia da Autonomia, nos enche de esperança, quantos aos desafios enfrentados pela educação em tempos de pandemia: para ele ensinar, exige de nós educadores(as), a crença de que a mudança é possível, encarando a história com uma possibilidade, não como uma determinação. É preciso esperar, que podemos ensinar e juntos com nossos educandos(as),

produzirmos, resistindo, portanto, aos obstáculos e desafios, sem baixarmos a cabeça, nem perdermos nossa alegria. Para tanto, devemos cobrar e lutar ideologicamente, por mudanças e respeito profissional. Como educadores(as), corporeificando nossas palavras, precisamos ver a prática educativa, como algo de extrema importância, precisamos, nela, com ela e por ela, mostrar nosso espírito revolucionário(a) e demonstrar estar esperançosos(as).

### *Ensinar é uma especificidade humana*

Nesse último pilar, Freire trabalha com necessidade de segurança do saber e da generosidade do(a) educador(a). Faz essa abordagem, tencionando os discursos de competências, autoridade e liberdade no contexto da sala de aula.

Para Freire (1996; p.57) “a autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta”.

Temos então, um bom exemplo de como lidar com esse tipo de situação. O ensino precisa ser dialógico, não se pode confundir um exercício discursivo, com aula, é necessário problematizar a realidade, questioná-la, lançar as indagações, sobre o mundo e a vida, pedir para que o(a) aluno(a) se posicione, mesmo que o que ele(a) diga, nos pareça não haver nexos, o importante é essa participação, pois, esse processo participativo, de interação humana é que irá gerar a consciência de que estou no mundo e que sou desafiado a pensá-lo, mas não só isso, sou desafiado a me posicionar e dar resposta.

A esperança reside em despertar no ensino dos conteúdos, o implicado testemunho ético, construindo assim, a imagem da autoridade coerente e democrática. Ensinar exige comprometimento, discurso e ações, precisamos testemunhar quem sou como educador(a), se as aulas *on-line*, nos tira o contato físico, não nos impede de sermos coerentes e sermos comprometidos; pois, é preciso interpretarmos nas entrelinhas, já não mais numa sala de aula convencional, mas em espaços virtuais, somos desafiados a entender que nossa presença ali, não passa despercebida, e no caso das aulas *on-line*, estamos sendo percebidos(as) pelos(as) nossos(as) alunos(as) e quem mais estiver tendo acesso, nossa sala de aula ampliou; nossas quatro paredes agora é o mundo.

Para Freire (1996), uma pedagogia emancipatória, estará centrada em experiências estimuladoras de decisões e responsabilidades, experiências respeitadas da liberdade. Logo é imprescindível que o(a) professor(a) tenha essa liberdade e autonomia. Esse é um dos grandes desafios posto a educação hoje, visto que, com as suas casas sendo janelas por onde a sala de

aula acontece, tanto discente, quanto docente, tem a intimidade do seu lar invadida. Conhecedores que somos das condições habitacionais brasileiras, já presumimos como será para muitas famílias, essa prática: desastrosa. Para garantir liberdade e autonomia docente, os formuladores de políticas públicas, ao pensar o ensino emergencial, deveriam pensar as condições de trabalho em que estarão envolvidos esse docente, lhes oferecendo condições de redimensionar sua prática.

Outro desafio posto nesse tempo de pandemia, diz respeito à questão da evasão escolar. Posto a matéria em pauta, numa é demais dizer que a evasão é uma questão de políticas públicas e não especificamente de prática docente. A forma como se engendrou o ensino emergencial, de certa maneira, foi fragilizada, uma vez que as famílias estão com suas rendas pauperizadas, e perante as incertezas do diminuto auxílio emergencial do governo federal, a situação familiar, impeliu muitos estudantes a encontrarem formas de levar o pão para suas casas, mesmo diante de uma crise sanitária e de uma crise de empregos formais. Estes estudantes foram devorados pela informalidade e pelas aventuras, chamadas de “empreendedorismos familiar”, como forma de ganhar algum trocado e garantir o pão de cada dia.

Para Freire (1996), ensinar exige, bem-querer ao(a)educando(a), isso não significa querer bem igual a todos(as) os educandos(as), mas sim dizer que a afetividade não assusta, mesmo em tempo de isolamento social, podemos ser afetivos e que não existem receios em expressá-lo, com apreensão quanto a perder a famosa "seriedade docente", em contrapartida, à afetividade. Isso também quer dizer que a generosidade do(a) educador(a) e sua autocrítica, implicará em autoavaliação de sua prática e buscando entender de maneira dialógica, superar as barreiras que possa estar surgindo entre ele(a) e o(a) educando(a).

Enfim, apontamos que neste tempo de pandemia e de ensino emergencial, de ter sua rotina de trabalho triplicada, e de tantos outros empecilhos para se educar (condições de trabalho, salários baixos, descasos, descrédito das autoridades com a ciência, etc.), ainda temos muitos educadores(as), que com muita dignidade e decência tem exercido sua função com a beleza da alegria, da ética e da estética. Isso tem a ver com uma vocação política, afetiva, do querer bem ao que faz, do compromisso, da competência e primeiro saber que, mesmo não conseguindo mudar o mundo, muita coisa é possível ser mudada através da prática educativa.

## Considerações Finais

Refletir sobre a Educação Brasileira em tempos de ensino e atividades emergenciais, por conta da pandemia da Covid-19, a partir da releitura da Pedagogia da autonomia de Paulo Freire, constituiu um momento de indignação e ao mesmo tempo esperançoso. Indignante, por ter percebido que o que se propõem e o que se tem feito em muitos casos, é o retorno a uma prática bancária de educação, modernizada com a roupagem da tecnologia, que reificada, segue sendo a Afrodite das consciências ingênuas. Mas ao mesmo tempo esperançosa, pois Freire nos causa essa sensação; o referido autor nos faz ver gente como gente, pessoa, capaz de amar e transcender. Seres humanos cômico do seu inacabamento, portanto abismado e indignado com tudo que está acontecendo no mundo.

Sabedor que, esta pandemia é fruto da ganância desenfreada de homens e mulheres que visam o lucro a cima de tudo e de governos desumanizados que pouco se importam com seu povo. Assim, brota a esperança, que encontraremos a saída, pois o homem saberá fazer uso da sua inteligência, somos condicionados e não determinados, logo, por meio da solidariedade e da ação humanamente transformadora, das relações humanas, dialógicas, subvertermos as práticas pedagógicas e juntamente como os educandos(as), transformaremos o mundo e retomaremos o curso da vida, prontos para os novos desafios que a vida venha nos oferecer.

Acreditamos que a Pedagogia da Autonomia de Freire (1996) encontra-se atualíssima, para discussão de toda e qualquer proposta de ensino emergencial em tempos de pandemia. Sua obra, escrita a mais de vinte anos, transcende a sua época e diante dessa situação emergencial, vem nos alertar que é preciso priorizar o humano, valorizar o(a) professor(a), valorizar o(a) educando(a), problematizar a realidade e superar os ímpetos, do desejo de um ensino bancário, a ensinarmos por meio de nossos gestos, mesmo que em tempos de isolamento social. Ela vem nos mostrar a importância da ética, do belo, da alegria, da solidariedade, da generosidade e do bem querer ao(a) educando(a).

Os desafios da educação em tempos de pandemia vão além do que se tem oferecido como faz de conta, para atender a órgãos de avaliação. Não é um mero faz de conta pra dizer pra sociedade que se estar sendo feito, pois ensinar exige compromisso, compromisso com a vida, com a transformação social, com o querer mudar o mundo.

Dentre as lições de Pedagogia da Autonomia que Freire (1996) nos deixa, e que podemos muito bem aplicar a esse momento de pandemia, podemos dizer que educar é tornar sonhos possíveis, educar é transformar, educar é gostar de gente, é querer bem ao(a) educando(a), é ter bom senso, humildade, tolerância e lutar por um mundo melhor, por pessoas melhores, é saber ser capaz de pensar criticamente e de ser arauto juntamente com o

outro da sua própria liberdade, porque ninguém vai ser feliz se andar sozinho, esse são saberes fundamentais para reordenamos o ensino emergencial nesse tempo de pandemia e valores que devemos levar para educação e para vida inteira.

### Referências

CAVALCANTI, Heloisa Helena Costa de Araújo. Ensino Remoto: uma possibilidade de como e o que ensinar. In: RODRIGUES, Janine Marta Coelho; SANTOS, Priscila Morgana Galdino dos (Orgs.). **Reflexões e desafios das novas práticas docentes em tempos de pandemia** [recurso eletrônico]. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. Disponível em: [encurtador.com.br/dLOUZ](http://encurtador.com.br/dLOUZ). Acesso: 08 ago. 2021.

CHIARELLAI, Tatiana *et al.* A Pedagogia de Paulo Freire e o Processo Ensino-Aprendizagem na Educação Médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**. [online]. 2015, v. 39, n. 3, set, 2015. p. 418-425. Disponíveis em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/jg9jPgnZRqBy7WTDdrpFcn/?lang=pt>. Acesso: 08 ago. 2021.

COSTIN, Claudia. Desafios da Educação no Brasil após a COVID19. In: COSTIN, Claudia *et al.* **A escola na pandemia: 9 visões sobre a crise do ensino durante o coronavírus**. [livro eletrônico]. Porto Alegre: Ed. do Autor, 2020. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/499185917/A-escola-na-pandemia-com-link>. Acesso: 08 ago. 2021.

EVERTON, Sebastião. Saberes necessários às práticas educativas em tempos de quarentena. **Revista Brasileira de Educação Básica**. Belo Horizonte, Ano 5, n.17, 2020. Disponível em: <http://pensaraeducacao.com.br/rbeducacaobasica/saberes-necessarios/>. Acesso: 08 ago. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAIA, Ronan da Silva Parreira; SILVA, Cristina Aparecida; CANDIDO, Thais Peterossi. Desigualdades Sociorraciais na Educação Básica Brasileira: considerações à luz do contexto da pandemia da COVID-19. In: RODRIGUES, Janine Marta Coelho; SANTOS, Priscila Morgana Galdino dos (Orgs.). **Reflexões e desafios das novas práticas docentes em tempos de pandemia** [recurso eletrônico]. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. Disponível em: [encurtador.com.br/dLOUZ](http://encurtador.com.br/dLOUZ). Acesso: 08 ago. 2021.

HOLGES, Charles *et al.* A diferença entre aprendizado on-line e ensino remoto de emergência. *Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia*. v. 2, 2020, p. 1-12. Disponível em: <https://escribo.com/revista/index.php/escola/issue/view/2/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

HORA, Edmilton; BEZERRA, Renata. **Ética na Educação: uma abordagem freiriana**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/18907382-Etica-na-educacao-uma-abordagem-freiriana-resumo.html>. Acesso: 08 ago. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PASINI, Carlos Giovanni Delevati; CARVALHO, Élvio de; ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho. **A Educação Híbrida em Tempos de Pandemia**: algumas considerações. UFSM Coronavírus - COVID-19. Observatório Socioeconômico – Textos para Discussão. Texto Publicado em: 29/06/2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/socioeconomico-textos-discussao/>. Acesso: 08 ago. 2021.

SAVIAN, Carla Pizzuti; BEM, Franciele Delevati e; BATISTA, Natália Lampert. Educação Popular e Covid-19: relato de Experiência sobre a Atuação Remota no Pré-Universitário Popular Alternativa. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 21, n. 2, p. 107-117, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/3451/2635>. Acesso: 08 ago. 2021.

SCHRAM, Sandra Cristina e CARVALHO, Marco Antonio Batista. **O Pensar Educação em Paulo Freire**: para uma pedagogia de mudanças. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2>. Acesso: 08 ago. 2021.

SILVA, Everton de Jesus. Os Fins da Educação em Paulo Freire e Kant. **Filosofando**: Revista eletrônica de Filosofia da UESB. Ano 3. n. 2. Jul./dez, 2015. p. 85-99. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/filosofando/article/view/2189/1854>. Acesso: 08 ago 2021.

SILVA, Jon Enderson do Nascimento; SILVA, Maria Girleny Roberto da. Práticas docentes em tempos de pandemia: refletindo sobre escolas públicas situadas em contexto de vulnerabilidade social. In: RODRIGUES, Janine Marta Coelho; SANTOS, Priscila Morgana Galdino dos (Orgs.). **Reflexões e desafios das novas práticas docentes em tempos de pandemia** [recurso eletrônico]. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. Disponível em: [encurtador.com.br/dLOUZ](http://encurtador.com.br/dLOUZ). Acesso: 08 ago. 2021.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo. **Linguagem**: incompletude, inacabamento e inconclusão em Paulo Freire e de Mikhail Bakhtin. Disponível em: [http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4132/1/FPF\\_PTPF\\_01\\_0789.pdf](http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4132/1/FPF_PTPF_01_0789.pdf). Acesso em: 08 ago. 2021.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Competência Docente na Perspectiva de Paulo Freire. **Revista de Educação AEC**. n. 143, abr./jun., 2007. p. 66-78. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/Pedagogia2/acomp etendocen.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia2/acomp etendocen.pdf). Acesso em: 08 ago. 2021.

Recebido em: 17 de agosto de 2021.

Aprovado em: 25 de setembro de 2021.